

EDGAR RICE BURROUGHS



A VOLTA DE
TARZAN

EDGAR RICE BURROUGHS
A VOLTA DE
TARZAN

The Return of Tarzan

Copyright © 2010 Edgar Rice Burroughs

Publicado originalmente em 1913

Traduzido por Paulo de Freitas

Versão para E-Book sem fins lucrativos

Cultura Digital

ÍNDICE

PREFÁCIO.....	3
CAPÍTULO 1: A bordo do transatlântico	4
CAPÍTULO 2: Elos de ódio.....	13
CAPÍTULO 3: O que aconteceu na rua Maule	22
CAPÍTULO 4: A condessa explica	30
CAPÍTULO 5: O plano que fracassa	40
CAPÍTULO 6: Um duelo	49
CAPÍTULO 7: A bailarina de Sidi Aissa	58
CAPÍTULO 8: A luta no deserto.....	67
CAPÍTULO 9: Numa El Adrea	76
CAPÍTULO 10: Através do vale das sombras	86
CAPÍTULO 11: John Caldwell, Londres	95
CAPÍTULO 12: Navios que passam.....	104
CAPÍTULO 13: O naufrágio do Lady Alice	114
CAPÍTULO 14: Volta à selva	127
CAPÍTULO 15: De macaco a selvagem	137
CAPÍTULO 16: Os ladrões de marfim	147
CAPÍTULO 17: O chefe branco dos Waziris	156
CAPÍTULO 18: A loteria da morte	166
CAPÍTULO 19: A cidade de ouro	177
CAPÍTULO 20: La.....	186
CAPÍTULO 21: Os náufragos.....	195
CAPÍTULO 22: O tesouro de Opar.....	205
CAPÍTULO 23: Cinquenta homens assustadores	215
CAPÍTULO 24: De como Tarzan volta a Opar.....	225
CAPÍTULO 25: Através da floresta primitiva.....	235
CAPÍTULO 26: A despedida do filho da selva	246
SÉRIE TARZAN.....	252

PREFÁCIO

Segundo Edgar Rice Burroughs, a inspiração para criar Tarzan surgiu em um sonho que teve, assim no livro Tarzan dos Macacos ele tentou criar um herói diferente e integrado à natureza. Nos livros seguintes, procurou dar-lhe uma formação inglesa, enquadrando o homem selvagem dentro do aristocrata inglês. No entanto, esta abordagem contraditória não durou muito e pouco tempo depois, ele voltaria a ser o Tarzan do início. Assim Burroughs fez dele o homem que rompe os laços com a civilização para se consagrar à vida natural. Por isso mesmo Tarzan é um herói que fez enorme sucesso em uma das épocas mais difíceis do século 20, em 1929 em plena depressão econômica americana.

Agora, no século 21, em um período onde a tecnologia proporciona todos os confortos possíveis ao ser humano e a vida se torna cada vez mais artificial. Vemos que este também é o período em que mais se pratica campismo e turismo ecológico, sem contar as legiões que se refugiam durante os fins de semana em sítios e fazendas. Será este um sinal de que o mundo tecnológico em que vivemos, em casa, na escola, no emprego esta provocando uma intoxicação que leva o homem a tentar reencontrar sua verdadeira essência? Para as pessoas comuns, passar um tempo em contato com a natureza hoje soa como uma libertação. E Tarzan é um símbolo desta liberdade, pois ele é o homem que tendo sido criado na selva, conhece a civilização e assim compreende que só voltando à vida natural poderia encontrar a felicidade. Tarzan assim simboliza todos aqueles que, aprisionados nas cidades, aproveitam todos os momentos para se libertarem. E assim como na depressão de 1929, novamente traz a mensagem de que viver bem não é viver opulentamente, mas viver de acordo consigo próprio.

Nossa intenção com esta série de e-books, é resgatar esta obra esquecida, trazendo para as novas gerações o fascínio das aventuras do homem macaco, e quem sabe incentivando as editoras nacionais a relançarem estes livros fantásticos. Boa leitura!

CAPÍTULO 1: A bordo do transatlântico

- Magnifique! - exclamou a condessa de Coude, a meia voz.

- Como? - perguntou o conde, voltando-se para a sua jovem mulher. - O que é magnífico? E o conde olhou em torno, procurando a causa da admiração dela.

- Ah! Nada, querido... - respondeu a condessa, corando ligeiramente. - Estava recordando com admiração, esses esplêndidos arranha-céus, como chamam em Nova Iorque...

E a bela condessa instalou-se mais confortavelmente na sua cadeira de convés, retomando a revista que o tal “nada” a fizera deixar cair no regaço.

O conde remergulhou no seu livro, não sem um certo espanto de que três dias depois de haverem saído de Nova Iorque, a sua linda condessa considerasse magníficos os mesmos edifícios que na semana anterior classificava de horríveis. Acabou por pousar o livro, dizendo:

- Isto é muito enfadonho, Olga: Creio que vou procurar outros passageiros tão aborrecidos como eu, para um jogo de cartas.

- Isso é muito pouco galante de sua parte, senhor meu marido... - respondeu ela, sorrindo - mas estou também tão aborrecida que posso compreendê-lo. Vá jogar essas insípidas partidas, se quiser...

Quando o conde partiu, ela voltou a olhar, discretamente, para o vulto de um jovem alto, estendido preguiçosamente numa cadeira não muito distante.

- Magnifique! - murmurou de novo.

A condessa Olga de Coude tinha vinte anos, e o marido quarenta. Era uma esposa fiel e dedicada, mas como não tivera nada a ver com a escolha do marido, nada de estranho havia em que não estivesse positivamente apaixonada por aquele que o destino, e o aristocrata russo que era seu pai, haviam escolhido para ela. No entanto, apenas por ter deixado escapar uma breve exclamação admirativa ao ver aquele jovem e belo desconhecido, não podemos deduzir que nos seus

pensamentos se houvesse insinuado qualquer idéia de infidelidade. Apenas admirava, como teria admirado um especialmente belo animal de qualquer espécie. E sem dúvida que o jovem era agradável de ver. Quando o olhar furtivo da condessa analisava o seu perfil, ele levantou-se para se afastar. A condessa de Coude fez sinal a um criado que passava.

- Quem é esse senhor? - perguntou.

- Reservou o camarote em nome de Sr. Tarzan, da África.

- Uma vasta propriedade... - pensou a condessa, sentindo aumentar o seu interesse.

Enquanto Tarzan se encaminhava vagarosamente para o salão de fumo, quase se chocou com dois homens que, à porta, falavam em voz baixa, excitadamente. Não lhes teria dedicado a menor atenção, se um deles não o tivesse olhado de relance, com uma expressão de culpa. Tinham um aspecto que lembrou a Tarzan o dos melodramáticos vilões que vira nos teatros, em Paris.

Ambos eram morenos, de cabelos escuros, e as suas atitudes acentuavam a semelhança. Tarzan entrou no salão de fumo e procurou uma cadeira um tanto afastada das outras pessoas que ali se encontravam. Não se sentia disposição para conversar, e enquanto bebia a pequenos sorvos o seu absinto, deixava vagar o pensamento, com tristeza, pelas semanas anteriores. Por várias vezes havia refletido sobre se teria agido bem ao renunciar aos seus direitos de nascimento, a favor de um homem a quem nada devia.

Decerto simpatizava com Clayton, mas a questão não era essa. Não fora por causa de William Cecil Clayton, Lorde Greystoke, que negara a sua verdadeira origem... Havia sido por causa da mulher a quem ambos amavam e que um estranho capricho da sorte entregara a Clayton e não a ele...

O fato de ela o amar tornava a situação duplamente difícil de suportar e no entanto Tarzan sabia que nunca poderia fazer menos do que fizera naquela noite, na pequena estação de caminho de ferro dos distantes bosques de Wisconsin. Para ele, a felicidade de Jane estava acima de tudo, e a sua breve experiência com a

civilização e com os homens civilizados, ensinara-lhe que sem dinheiro e posição... a vida da maioria deles era insuportável.

Jane Porter nascera para ter ambas as coisas, e se Tarzan privasse dela o seu futuro marido, sem dúvida a condenaria a uma vida de miséria e de angústia. A idéia de que Jane repeliria Clayton no caso de ele perder o título e fortuna, nem sequer ocorreu a Tarzan - pois atribuía aos outros, a mesma honesta lealdade que era uma qualidade nata nele próprio. E, neste caso, não se enganava. Se alguma coisa pudesse tornar ainda mais forte a promessa de Jane a Clayton, seria seguramente o fato de tal desventura cair sobre ele.

Os pensamentos de Tarzan deslizaram do passado para o futuro... Tentou encarar com uma sensação de prazer o seu regresso à selva onde nascera e onde tinha vivido, a selva feroz e cruel, na qual passara vinte dos seus vinte e dois anos de vida. Mas quem, ou o quê, nos milhares de existências multiformes que se agitavam na floresta, lhe daria as boas-vindas? Nem uma sequer. Apenas Tantor, o elefante, podia ser considerado um amigo. Os outros o perseguiriam ou fugiriam dele, como sempre havia sido. Nem mesmo os macacos da sua tribo lhe dariam uma acolhida amigável.

Se a civilização nada mais tivesse dado a Tarzan, de certa maneira lhe dera o desejo da companhia, de criaturas da sua espécie, o desejo de amizade e de entendimento fraternal. E, nas mesmas proporções, lhe tornara odiosa qualquer outra espécie de vida. Era-lhe difícil conceber o mundo sem um amigo ou sem uma criatura viva com quem pudesse falar as línguas novas que apreciava tanto. E, assim, Tarzan encarava sem prazer o futuro que traçara para si mesmo. Sentado, tendo entre os dedos um cigarro de onde subia um tênue fio de fumo azul, os seus olhos pousaram-se num espelho que refletia uma das mesas, onde quatro homens jogavam as cartas. Nesse momento um dos homens ergueu-se, para se afastar e outro homem aproximou-se e, cortesmente, ofereceu-se para ocupar o lugar vago, para que o jogo não se interrompesse. Era o mais baixo dos dois que Tarzan vira à porta, falando em segredo e foi isso o que despertou o interesse dele.

Enquanto a sua imaginação tentava percorrer os caminhos do futuro, ia observando, no espelho, os quatro indivíduos sentados atrás. Além daquele que se havia sentado em último lugar, Tarzan conhecia apenas o nome de um dos outros jogadores, exatamente o que estava do lado oposto. Era o conde Raul de Coude. Um criado solícito indicara-o a Tarzan como um dos passageiros importantes, alguém que pertencia ao grupo familiar do ministro da guerra francês.

De repente, a atenção de Tarzan fixou-se no espelho. O outro homem que Tarzan vira na porta, se aproximara também e estava de pé atrás do conde. Tarzan viu-o olhar furtivamente em volta sem, no entanto reparar no espelho. Discretamente, o homem tirou qualquer coisa do bolso, tapando-a com a mão. Curvou-se de leve, e Tarzan viu-o meter num dos bolsos do conde o que tirara do seu próprio bolso. Depois disto o homem continuou onde estava, observando as cartas do conde de Coude. Tarzan sentia-se intrigado, mas agora os seus olhos seguiam tudo com uma atenção concentrada.

O jogo continuou, durante alguns minutos, até que o conde ganhou uma soma relativamente considerável, perdida pelo último jogador que se sentara. Tarzan viu que o homem colocado atrás do conde fazia um leve sinal ao outro e no mesmo instante este levantou-se e apontou um dedo para o conde.

- Se eu soubesse que este senhor era um trapaceiro profissional, não me teria apressado a tomar parte no jogo... - disse ele.

Instantaneamente, o conde e os outros dois jogadores levantaram-se. De Coude empalideceu.

- Que significa isso, “sir”? - exclamou. - Sabe com quem está falando?

- Sei que falo, pela última vez, a alguém que trapaceia no jogo! - replicou o outro.

O conde debruçou-se e bateu na cara do homem, com a mão aberta. Os outros jogadores apressaram-se a separá-los. Um destes exclamou:

- Trata-se de um engano, senhores! Este senhor é o conde de Coude!

- Se estou enganado apresentarei desculpas... Mas antes disso exijo que o

conde explique a presença de cartas extras que o vi meter no bolso!

Nesse momento o homem que Tarzan vira meter qualquer coisa no bolso do conde, encaminhou-se para a porta, mas verificou, contrariado, que um desconhecido, alto e de olhos cinzentos, lhe cortava o caminho.

- Com licença! - disse, bruscamente, tentando passar por um dos lados.

- Espere... - respondeu Tarzan.

- Mas porquê, senhor? - quase gritou o outro, agressivo. - Afaste-se!

Quero passar!

- Espere... - repetiu Tarzan. - Há aqui um assunto que o senhor pode esclarecer!

O homem, corpulento, teve um impulso de fúria e, praguejando entre dentes, tentou afastar Tarzan. Este sorriu, agarrou o pela gola e levou-o até perto da mesa, sem se importar com as inúteis tentativas que fazia para se libertar. Foi a primeira experiência de Nikolas Rokoff com os músculos que haviam derrotado várias vezes Numa, o leão, e Terkoz, o gorila.

O sujeito que acusara o conde, e os dois outros jogadores, olhavam para de Coude, numa atitude de expectativa.

- Este homem é doido! - bradou o conde. - Peço que um dos senhores me reviste.

- A acusação é ridícula... - comentou uma voz.

- Basta que alguém meta a mão no bolso lateral do casaco do conde, para verificar que a acusação é séria... - insistiu o acusador e, vendo que os outros hesitavam, acrescentou: - Eu próprio o revistarei, se ninguém mais o faz!

- Não! - retorquiu o conde. - Só a um cavalheiro consentirei que me reviste!

- É desnecessário revistar o conde... As cartas estão no bolso dele. Eu vi quando as colocaram lá.

Todos se voltaram, surpreendidos, para quem tinha falado.

Era um jovem alto, de aparência atlética, que se aproximava da mesa

trazendo, seguro pela gola, um homem que se debatia inutilmente.

- Isto é uma conspiração... - disse de Coude, colérico. - Não tenho quaisquer cartas e... - meteu a mão no bolso e ficou subitamente lívido, enquanto, sob os olhares espantados de todos os presentes, a retirava trazendo três cartas.

O conde de Coude ficou olhando para as cartas, e agora a sua face congestionava-se. Nos circunstantes havia expressões de piedade e de desprezo.

Supunham estar assistindo à morte da honra de um homem.

- É de fato uma conspiração, senhor... - interveio o jovem alto, de olhos cinzentos.

E continuou: - Meus senhores, o Sr. conde de Coude não sabia que tinha essas cartas no bolso. Foram colocadas ali sem o seu conhecimento, enquanto estava jogando. Do ponto onde eu estava, nessa cadeira, vi tudo através do espelho. Quem meteu as cartas no bolso do Sr. Conde foi este homem que eu agarrei quando tentava sair da sala.

O olhar do conde passou de Tarzan para o sujeito inglês, que se debatia.

- Mon Dieu! - exclamou ele. - Você, Nikolas? - voltou-se então para o outro e olhou-o atentamente, acrescentando: - E você, Paulvitch... Não o reconheci, sem a barba... Compreendo agora tudo senhores.

- Que faremos com eles, senhor? - perguntou Tarzan. - Entregamo-os ao capitão?

- Não, meu amigo... - respondeu apressadamente o conde. - É um assunto pessoal e peço-lhe que o deixe ficar como está. É suficiente que eu tenha sido ilibado da acusação. Quanto menos tivermos a ver com esses sujeitos, melhor. Mas, senhor, como poderei eu agradecer-lhe a sua grande bondade? Permita-me que lhe dê o meu cartão, e se surgir alguma oportunidade em que eu possa ser-lhe útil, lembre-se de que estarei incondicionalmente às suas ordens.

Tarzan largara Rokoff, e este, em companhia do seu cúmplice Paulvitch, apressara-se a sair do salão de fumo - não sem antes ter se voltado para Tarzan com um olhar de ódio, dizendo entre dentes:

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

